

1. 5. Plantas com potencial madeireiro e de múltiplo uso

Marcos Antonio Drumond

As espécies madeireiras são aquelas responsáveis pelo abastecimento energético de uso doméstico, comercial e industrial em pequenas, médias e grandes indústrias de transformação. Várias espécies, além de madeireiras, tem também usos medicinais e forrageiros. Outras, por grande concentração de tanino nas suas cascas, foram bastante exploradas no passado para curtição do couro. Atualmente, com a demanda crescente por produtos orgânicos, essas espécies são procuradas para emprego no tratamento do couro, o que se soma ao já descontrolado uso madeireiro e traz grande preocupação com as ameaças de extinção a esses patrimônios genéticos.

Às espécies que servem a várias finalidades, dá-se o nome de espécies de uso múltiplo. Dentre as mais procuradas, pode-se citar: o angico (*Anadenanthera macrocarpa*), a aroeira-do-sertão (*Myracrodruon urundeuva*), a baraúna (*Schinopsis brasiliensis*) e as do gênero *Mimosa*, especialmente a jurema-preta (*Mimosa tenuiflora*). Todas são exploradas por extrativismo. Apenas o sabiá – *Mimosa caesalpiniiifolia* – é plantada comercialmente para produção de estacas.

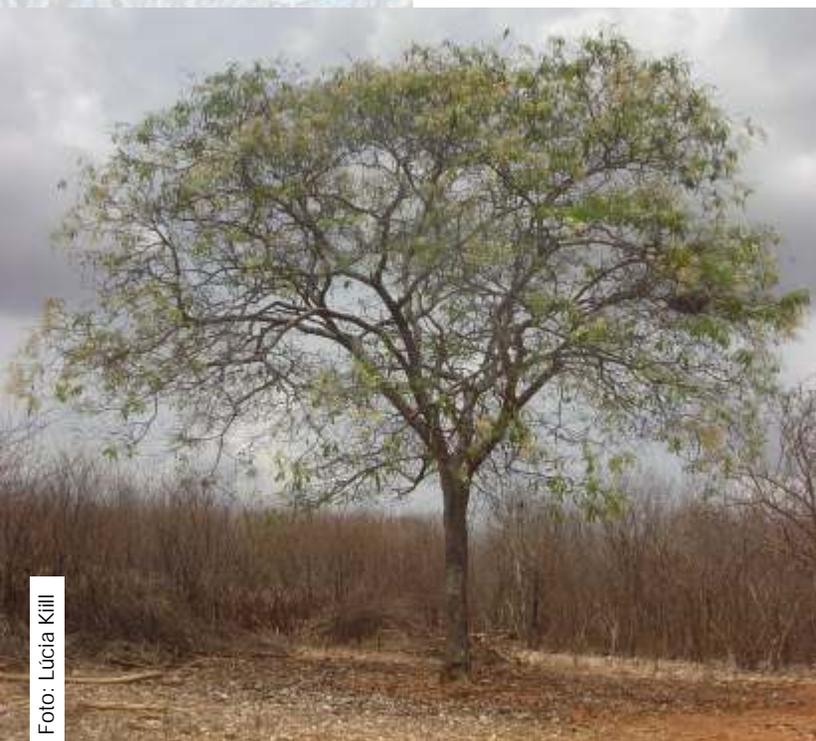


Foto: Lucia Kill



Foto: Marcos Antonio Drumond

Angico (à esquerda) e baraúna (à direita).

O angico é uma árvore de porte mediano, que chega a atingir até 15 m de altura, dependendo da região. As folhas são tóxicas ao gado, porém, quando fenadas ou secas juntamente com os ramos novos, constituem excelente forragem para bovinos, caprinos e ovinos; a resina exudada dos troncos é hemostática, depurativa, adstringente e é utilizada na medicina caseira em infusão e em xarope. A casca, muito rica em taninos, é utilizada na indústria de couros; e na medicina popular é utilizada como expectorante (chá) ou cicatrizante (infusão). A madeira serve para As espécies madeireiras são aquelas responsáveis pelo abastecimento energético de uso doméstico, comercial e industrial em pequenas, médias e grandes indústrias de transformação. Várias espécies, além de madeireiras, tem também usos medicinais e forrageiros. Outras, por grande concentração de tanino nas suas cascas, foram bastante exploradas no passado para curtimento do couro. Atualmente, com a demanda crescente por produtos orgânicos, essas espécies são procuradas para emprego no tratamento do couro, o que se soma ao já descontrolado uso madeireiro e traz grande preocupação com as ameaças de extinção a esses patrimônios genéticos.

Às espécies que servem a várias finalidades, dá-se o nome de espécies de uso múltiplo. Dentre as mais procuradas, pode-se citar: o angico (*Anadenanthera macrocarpa*), a aroeira-do-sertão (*Myracrodruon urundeuva*), a baraúna (*Schinopsis brasiliensis*) e as do gênero *Mimosa*, especialmente a jurema-preta (*Mimosa tenuiflora*). Todas são exploradas por extrativismo. Apenas o sabiá – *Mimosa caesalpiniiifolia* – é plantada comercialmente para produção de estacas.

O angico é uma árvore de porte mediano, que chega a atingir até 15 m de altura, dependendo da região. As folhas são tóxicas ao gado, porém, quando fenadas ou secas juntamente com os ramos novos, constituem excelente forragem para bovinos, caprinos e ovinos; a resina exudada dos troncos é hemostática, depurativa, adstringente e é utilizada na medicina caseira em infusão e em xarope. A casca, muito rica em taninos, é utilizada na indústria de couros; e na medicina popular é utilizada como expectorante (chá) ou cicatrizante (infusão). A madeira serve para estacas, mourões, lenha e carvão de elevado poder calorífico.

A aroeira-do-sertão é árvore de porte mediano, que chega a atingir 10 m de altura e 30 cm de diâmetro. O tronco é sempre reto, de uma madeira dura de cor bege-roseado quando verde e roxo escuro quando seco. A casca é castanho escuro, subdivididas em placas em forma de escamas, rica em tanino (cerca de 15%), e são utilizadas na indústria do couro. Na medicina popular, a casca é utilizada no tratamento das vias respiratórias e urinárias. As folhas quando maduras servem como forrageiras. A resina exudada dos troncos é utilizada no preparo da goma arábica. A madeira é muito dura e extremamente resistente, servindo para obras externas, mourões,



Foto: Marcos Antonio Drumond

Sabiá



Foto: Marcos Antonio Drumond

Aroeira-do-sertão



Foto: Marcos Antonio Drumond

Jurema-preta



vigas, construções rurais, estacas, dormentes e carvão de elevado poder calorífico. A grande procura pela madeira da aroeira-do-sertão, em conjunto com o lento crescimento da planta, causou uma diminuição drástica da população natural da espécie. Hoje, o corte das aroeiras é proibido por legislação ambiental, já que ela está classificada como ameaçada de extinção.

A baraúna é uma árvore típica do sertão nordestino e geralmente encontrada em grupamentos. O porte mediano chega a atingir 12 m de altura e 30 cm de diâmetro. A casca é escura, rugosa e também rica em tanino, utilizada na indústria de couros. Na medicina popular, a casca é utilizada como analgésico digestivo. As folhas são verdes e permanecem durante quase todo ano, podendo ser utilizadas no tratamento da gripe e pressão alta. A resina exudada dos troncos é utilizada no preparo da goma arábica. A madeira é muito dura e de elevada densidade, servindo para obras internas, pilão, esteios, vigas, estacas, mourões, lenha e carvão. Assim como a aroeira-do-sertão e por motivos semelhantes, está ameaçada de extinção.

A jurema-preta é árvore de pequeno porte de até 7 m de altura, com acúleos (falsos espinhos, semelhantes aos da roseira) esparsos nas partes mais novas. As flores são alvas, dispostas em espigas e muito apreciadas por abelhas melíferas. Os frutos são pequenas vagens segmentadas. As folhas são delicadas e usadas como forrageiras para os caprinos e bovinos, e as cascas tem propriedades sedativas, narcóticas, adstringentes e amargas, sendo utilizadas como cicatrizantes, digestivas e na curtição de couro.

O sabiá ocorre naturalmente nos estados do Rio Grande do Norte, Piauí e Ceará, parte do Maranhão e de Pernambuco, na chapada do Araripe, divisa com o Ceará. Foi introduzida com êxito em regiões úmidas dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, sendo que nesses locais a espécie é conhecida como sansão-do-campo. É uma árvore de pequeno porte, que atinge até 8 m de altura e cerca de 20 cm de diâmetro à altura do peito. O tronco apresenta acúleos que desaparecem com a idade. Já os ramos jovens apresentam um grande número de acúleos. Tem crescimento cespitoso, ou seja, de um mesmo ponto na base da planta partem vários troncos. Cresce preferencialmente em solos profundos e férteis, e a partir do terceiro ao quarto ano, já pode fornecer madeira para estacas de cercas. A planta apresenta bom desenvolvimento também em solos mais pobres, porém, nesses casos, é importante suprir as plantas por meio de adubação orgânica ou química. A espécie se destaca como uma das principais fontes de estacas para cercas no Nordeste, em especial no estado do Ceará. A madeira também é utilizada para energia. Essas características qualificam a espécie como uma boa opção para a produção de lenha e carvão. Atualmente, nas áreas irrigadas do Vale do Rio São Francisco, no semiárido nordestino, as estacas têm sido amplamente comercializadas e utilizadas principalmente como tutores para apoio e sustentação das videiras.